

0
ALVORECER
DAS
SOMBRAS

GABRIELA GARRIDO

O
ALVORECER
— DAS —
SOMBRAS

O IMPÉRIO DE ÁSAGA • LIVRO UM



ELOHIM

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2026

Copyright © Gabriela Garrido, 2025

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

REVISÃO

Ester Soares

CAPA

Henrique Moraes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

ILUSTRAÇÕES

Ana Caroliny Salimos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Garrido, Gabriela

O alvorecer das sombras / Gabriela Garrido — 1ª edição —

São Paulo: Coerência, 2026

ISBN: 978-85-5327-321-8

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia cristã I. Título



Centro Empresarial Jaguari
Av. Marcelo Stefani, 15 - Módulo 47
Bragança Paulista - SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e fatos descritos são criação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada sem o consentimento da autora, sob pena de infração à Lei dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) e ao Código Penal.

*Para todas as pessoas que se sentem caladas pelo medo
e esmagadas pelas mentiras do deus deste mundo.*

Você não está sozinho.

Seja forte e corajoso (Josué 1:9).

ALERTA DE GATILHO — CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Esta é uma fantasia sombria na qual os personagens, eventos, universo e simbologias foram elaborados para refletir e fomentar a discussão sobre a verdadeira face do Mal nos tempos atuais.

Aqui, *todos pecaram e carecem da glória de Deus*¹. Por isso, não espere cenários ou personagens perfeitos — pois será na imperfeição dos protagonistas e do Império que a temática da Batalha Espiritual² será tratada, iniciando-se neste primeiro livro e ficando mais evidente em sua continuação, “*O Chamado da Ampulheta*”.

Diante disso, alerto que este livro **não é recomendado para menores de 16 anos**, por conter temas sensíveis, como cenas de nudez, assédio sexual, estupro, descrição de mortes, canibalismo, descrição de crises de ansiedade e pânico, além do uso de elementos característicos do gênero terror (atmosfera de medo, opressão e tensão constantes).

1. Romanos 3:23

2. Efésios 6



Mar do Norte

★ Estradas Arteriais

Cordilheiras de Sal

Andilia

Terras Devastadas de

Cesena

Castelo Branco

O Grande Muro

Alaon

O Reino Vermelho

Terraluz

Cidade-Luz

Mata das Sombras

Taeragan

O Reino Sombrio

Igreja de Sal

IMPÉRIO
DE
ÁSAGA



GLOSSÁRIO DO IMPÉRIO DE ÁSAGA

Palavra	Significado
Arcanos	Altos sacerdotes que administram a Grande Catedral e cuidaram da educação dos príncipes Dominic e Aori em várias frentes; cargo ocupado por Valerius, Severo e Gaio.
Borda	Na mitologia do Império, equivale ao Mundo dos Mortos.
Caravana	Cruzada liderada pela Ordem de Ásaga, cujo objetivo é eleger as Regalos entre os Reinos de Teraluz, Taeragan, Alaon e Andília, e levá-las à Capital.
Cerimônia de Troca	Ritual por meio do qual o novo Vaso recebe a alma imortal de Deus-Luz dentro de si, sacrificando-se em prol do Grande Dragão.
Cidade-Luz	Capital do Império, lar de Deus-Luz e de sua Corte, formada pelos descendentes das famílias que ajudaram o Grande Dragão a organizar o Império após a Subjugação.
Colheita	Competição cujo objetivo é buscar nos Reinos as chamadas Regalos, que concorrerão ao cargo de Imperatriz — a "Primeira" do novo Vaso. Apenas as Terras Devastadas de Cesena não participam da Colheita, por serem o Reino de origem dos escravos do Império.
Deus-Luz	Entidade imortal que atende pelos nomes "Álbalus Ásaga", "Ásaga", "O Grande Dragão", "Restaurador e Senhor da Vida" e "Soberano". É imperador e divindade adorada nos Cinco Reinos do Império de Ásaga.

Deus-Treva	Entidade imortal que atende pelos nomes “Exilium”, “Ceifador” e “Senhor da Morte e da Escuridão”; metade exilada de Deus-Luz, expulsa da Antiga Terra (hoje o Império de Ásaga) no evento chamado “Subjugação”, por se corromper com a adoração humana.
Direito de Escolhida	Lei que permite à Regalo eleger um acompanhante para segui-la na Caravana e fazer-lhe companhia durante a estada no Castelo Branco.
Drakon	Moeda oficial do Império de Ásaga.
Grande Catedral	Templo principal de adoração a Deus-Luz, situado na Capital (Cidade-Luz).
Hora Maldita	Hora em que o dia dá lugar à noite. Muitos acreditam que é um momento amaldiçoado por Deus-Treva, cujas sombras apenas podem ser expulsas por uma reza ao Dragão.
Igreja de Sal	Segundo maior santuário dedicado a Ásaga em todo o Império, situado no Reino de Teraluz.
Imaculados	Integrantes do Alto Clero, apenas abaixo dos Arcanos.
Iniciado(a)	Cargo inicial da igreja, composto por jovens que entregam a vida, os bens e a castidade para servir ao Grande Dragão. Devem estudar as Leis do Império e os Escritos Sagrados ao longo de cinco anos e professar publicamente a fé em uma das igrejas do Império.
Lei do Descarte	Lei que permite o aborto por gravidez indesejada ou o descarte de crianças consideradas fora do padrão imperial.
Marcha do Contra	Movimento pagão abolido há quinhentos anos, oriundo do Reino de Taeragan.

Mata das Sombras

Região que circunda a Cidade-Luz, composta por mata densa e perigosa. Lendas afirmam que criaturas sombrias percorrem o local, tornando-o fatal para peregrinos despreparados.

Mestre

Integrante da igreja responsável pelos templos de Deus-Luz, pelos cultos e rituais, e pela educação da população.

Ordem de Ásaga

Elite do exército imperial.

Par

Jovens escolhidas pelos soldados da Ordem para servirem como cortesãs durante as Cruzadas.

Primeira

Jovem eleita entre as Regalos por Deus-Luz, que se tornará a Imperatriz daquela geração.

Regalo

Jovem escolhida pela Ordem de Ásaga para ser apresentada a Deus-Luz na Colheita — a competição pelo cargo de Imperatriz.

Sumítrea

Ritual de purificação que marca o início de cada ano, incumbido de limpar os pecados dos servos do império.

Vaso

Primogênito do corpo mortal que abriga Deus-Luz, incumbido de receber a alma imortal do Grande Dragão na cerimônia de Troca.

*"No chamado da ampulheta o meu tempo será seu,
Esticarei os ponteiros, prolongando o nosso adeus.
Mas ao ouvir o tic-tac que me obriga a partir,
Me recuso a seguir, vou deixar o tempo insistir.
E no compasso lento, a dor vai se esticar,
Pois mesmo no fim, é você quem vai chorar.
O tempo, que insiste em nos separar,
Verá que, em minha ausência, será você a lamentar."*

Lamentação do Tempo.

Composta no ano 01 após a Subjugação.

Autor desconhecido.

A ORIGEM

No início, Luz e Sombras eram um.

Juntos, eram equilíbrio, poder e eternidade. Dois lados de uma mesma moeda. Deuses eternos, sem corpo nem forma, constituídos por magia antiga e sobreviventes de um universo solitário.

Eles eram Deus-Luz e Deus-Treva e estavam cansados da solidão de seu não-lugar. Por isso, criaram a terra, o ar, a água, o fogo e os seres vivos, coexistindo pacificamente com sua criação por milênios e coroando, juntos, um reinado de equilíbrio.

Álbalus era o Deus-Luz — o Ásaga, “O Grande Dragão”, Restaurador e Senhor da Vida. O outro era Exilium, Deus-Treva. Metade Perfeita de Ásaga. Era ele o Ceifador, o Senhor da Morte e da Escuridão.

Séculos se passaram na Antiga Terra, onde imperava um reinado de paz e harmonia, até Deus-Luz perceber que o equilíbrio fora abalado. Deus-Treva havia se pervertido pelas oferendas dos humanos, que ansiavam por contato com o poder que os tornava imortais. E então, a vaidade e a soberba corromperam o Ceifador.

Assim, a estabilidade da Antiga Terra se partiu. Deus-Treva e seu desejo de ser o Único destruíram milênios de um ciclo perfeito.

Mas Deus-Luz agiu em favor de seus servos. Aprisionou Deus-Treva em um corpo mortal e o dividiu em dois com seu poder de Luz, tomando as rédeas da Antiga Terra e guiando a humanidade ao estado anterior à corrupção de sua Metade Perfeita. Todos os seus súditos o louvaram e ainda o louvam — a Subjugação salvou todos os confins do, agora, chamado *Império de Ásaga*.

O RITUAL

A hora de morrer estava próxima, e o príncipe nu, de joelhos no mármore gelado daquela majestosa catedral, apenas conseguia sorrir. Uma mistura de frio e nervosismo lhe arrancava calafrios, mas ele fez de tudo para se manter imóvel. A honra de ser escolhido Vaso era imensa, muito maior do que o título que precedia seu nome.

Em movimentos ágeis, os três Arcanos de togas brancas e douradas untavam toda a extensão de seu corpo com óleos sagrados. Ele os conhecia desde pequeno — eram Valerius, Severo e Gaio, altos sacerdotes que administravam a Grande Catedral e participaram de sua educação desde que era capaz de se recordar. Compenetrados, os três senhores executavam a função em movimentos tensos, afogados num profundo silêncio.

Afinal, preparavam o corpo mortal cujo único objetivo batia às portas: ser a nova morada de Álbalius Ásaga — de Deus-Luz, o Grande Dragão — que encarava o próprio filho da vista privilegiada de seu trono de ouro.

Hoje, eu sou príncipe de Ásaga e filho de Deus-Luz, o rapaz repensou o mantra ensinado por seus antigos mestres — e futuros servos. *Amanhã, serei Ásaga, o Imperador. O antigo Álbalius, o Grande Dragão.*

A mão de Valerius correu por seu peito e abdômen, que se arrepiaram sob o toque do unguento. O homem encarou os próprios joelhos contra o mármore branco do templo e notou a palidez da pele, tão clara quanto os destroços envelhecidos e moribundos do Imperador, sentado imóvel no trono. Ásaga aguardava, pacientemente, a preparação de seu novo lar.

Inquieto, prendeu o ar com os dentes. O coração palpitou ao sentir os olhos de Deus-Luz sobre si.

— Ele está pronto — enunciou Gaio, a voz austera propagando-se pelas abóbadas douradas da Grande Catedral. Com uma reverência profunda, tomou a mão do príncipe e o ergueu.

— Tragam-no até mim — pediu Deus-Luz, a voz falha como um velho pergaminho.

De cabeças baixas, os Arcanos o conduziram aos pés de sua divindade, não mais como herdeiro de todo o Império — mas como uma *oferenda*.

— Tirem minhas vestes — ordenou Ásaga.

O jovem Vaso se manteve de pé. De esguelha, estudou a pequena plateia atrás de si, formada pelo restante dos clérigos Imaculados, por figuras importantes da Corte de Luz e pelos olhos raivosos *dele*.

De seu irmão.

Ele sorriu de lado; um sorriso triste, carregado de pesar. Depois, voltou a encarar Ásaga.

Um dia, irmão, você entenderá.

Enquanto as mãos de Gaio e Severo tiravam as vestes do Soberano, seu filho nu o estudava em silêncio, atento às rugas da pele, às veias arroxeadas dos pés e ao aspecto doente de seu semblante.

Chegara a hora.

Com um suspiro, o príncipe tomou a adaga dourada incrustada em pedras preciosas, que Valerius lhe estendia. Agora, sabia exatamente o que tinha de ser feito.

Curvando-se com respeito, ajoelhou-se aos pés do trono, tomou o pulso de Deus-Luz e o cortou. Sangue fresco jorrou, salpicando de rubro tanto o chão quanto sua pele pálida, mas Ásaga não emitiu som. O herdeiro sorveu o pulso do pai, o sangue sagrado, metálico, inebriando-o como uma droga alucinógena. Em seguida, cortou o pulso do outro braço de Álbali e fez o mesmo, a pele perfeita de seu peitoral encharcando-se de um vermelho divino.

Fatigado, o velho Vaso de Álbali caiu ao solo, o rosto senil, impassível, oculto pelos longos cabelos brancos. O homem deitou o Imperador aos pés do trono e o montou como se fosse um de seus cavalos. O que antes lhe parecia assustador na infância, agora o excitava — o sangue de Ásaga, ardendo nas veias, parecia mais intenso na boca, rasgando a pele e arqueando a coluna.

Ele queria mais, e *teria* mais.

O jovem Vaso podia sentir a violência do poder de Luz se infiltrando em seu corpo com a brutalidade de um açoite, e aquilo o estimulava. Tudo o que queria estava ali, embaixo de si. *Dentro* de si.

Afundando os dentes no pescoço de Ásaga, o príncipe jogou a adaga no chão, tomou os cabelos grisalhos nos dedos e devorou o fluido que o invadia. Mastigou a pele e os músculos envelhecidos com um apetite voraz, de outro mundo. Inebriado, engoliu os restos humanos e cravou os dentes no que havia sido o antigo rosto de Deus-Luz.

O gosto era *excelente*.

Gosto de poder. De eternidade.

Prostrado sob o filho, o antigo Vaso afundou as unhas em seu tronco e grunhiu um som visceral como se tentasse expelir algo de dentro de si. A iluminação da Grande Catedral oscilou, tremendo, e murmurinhos assustados quebraram a imponência do silêncio, outrora dominador. Até que uma luz mais intensa que todas as outras ofuscou a vista dos presentes.

Mesmo silenciosa, a claridade parecia gritar. Poder, onipotência e força esmagavam a escuridão como labaredas de um fogo infinito, saindo da boca rasgada do velho Vaso e consumindo os lábios do príncipe. No instante seguinte, a escuridão, pesada e implacável, engoliu o templo em sombras absolutas.

— Afastem Deus-Treva! Tragam os candelabros! — bradou Gaio aos outros dois, que já traziam fogo às arandelas dispostas em volta do salão.

Todos os espectadores deram um passo à frente, os semblantes alarmados; curiosos em sua pequenez mortal. Encaravam o Novo Vaso erguido em sangue e elegância diante do trono de ouro. Diferente do homem que fora, agora seu sorriso era feroz, banhado em carmesim e inflamado por poder. O corpo que tinha sido do jovem aristocrata da Corte de Luz agora sorria como uma besta selvagem da Mata das Sombras.

Mas uma garota, escondida atrás da pilastra de mármore e que jamais deveria estar ali, encolheu-se em descrença e engoliu um soluço de terror.

Era ele — aquele homem de semblante cruel — o seu verdadeiro amor?

Ou o príncipe tinha, enfim, se tornado um monstro?

Devastada, ela fugiu para longe da nave, as pernas trôpegas pelo horror que jamais imaginou presenciar.

Em uma dança sincronizada, toda a Corte se ajoelhou e ergueu as palmas ao céu. Em tremores e rezas, saudaram Deus-Luz, que agora fazia morada em seu Novo Vaso.

I. DEVOÇÃO

O1

Teraluz estava em festa. Camponeses, comerciantes e os mais importantes lordes do Reino enchiam os bancos da Igreja de Sal, ansiosos tanto pela apresentação das Iniciadas quanto pela *sumítrea* — o ritual de purificação que marcava o início de cada ano. A coincidência de ambas as datas era um evento raro, cuja importância transparecia nos sorrisos dos presentes, tão radiantes quanto o sol que aquecia o santuário.

Enquanto os servos mais humildes do Reino se orgulhavam de estrear seus trajes clareados com argila, o dourado — a segunda cor do Império — era esbanjado nos gibões e espartilhos da nata de Teraluz. Ainda assim, ricos e pobres compartilhavam os murmurinhos animados que ecoavam pelas abóbadas do templo, onde a estátua do Grande Dragão de ouro, erguida no centro do púlpito, os observava com austeridade.

Até que Mestre Kali surgiu. Com seu corpo avantajado e a lentidão da idade avançada, calou a todos com seus passos miúdos, que o conduziram da entrada da igreja até o centro do altar de mármore branco.

— Entrem! — ordenou ele à porta que ficava ao fundo do palanque. De lá saíram dez moças nervosas, todas de braços erguidos e palmas abertas, imitando a pose da estátua de Deus-Luz, o Grande Dragão.

Ao contrário da imagem, porém, todas sorriam. Traziam nos rostos pálidos a alegria de se tornarem Iniciadas da Igreja de Sal.

Todas, menos Áurea.

Uma gota de suor escorreu de sua têmpora bronzeada pelo sol — tão destoante da alvura das demais —, roubando-lhe calafrios.

— Povo de Teraluz! — enunciou Mestre Kali. — É com grande orgulho que essas dez fiéis oferecem sua juventude e vigor ao nosso Grande Dragão!

— *Salve ao Deus-Luz! Venha até nós e ilumine os nossos caminhos!* — Erguendo-se dos assentos, todos, menos Áurea, responderam de volta.

Engolindo o enjoo, a jovem tentou afastar os cachos do rosto num gesto tímido. Eram fartos e escuros demais para uma lady de Teraluz, ela sabia, e isso nunca deixou de angustiá-la.

— Após cinco anos estudando as escrituras, essas dez moças vêm professar ao povo de Teraluz seu amor à Ásaga! — continuou Mestre Kali, em frente às futuras Iniciadas. — Em plena *sumítrea*, cedemos, juntos, a nossa mais profunda salva de palmas!

Aplausos explodiram por todo o templo. Os vestidos brancos e longos rodopiaram em uma dança sincronizada. As garotas se agacharam e seguraram uma travessa com tinta dourada, esperando pelos dedos de Mestre Kali para marcar o topo de suas testas com o símbolo do divino. Ao se erguer com a cerâmica nas mãos, Áurea de Teraluz estremeceu. Odiava aquela sensação, cada vez mais recorrente — cada vez menos controlável.

“Doença da mente”, era o que diziam. As oscilações de humor e o palpitar acelerado do coração eram frutos de uma cabeça quebrada, que precisava de cuidados. Seria seu emocional também responsável por cegá-la do olho esquerdo, dia após dia?

A jovem apertou os lábios. “*No chamado da ampulheta, o meu tempo será seu*”, cantarolou na mente uma antiga canção de ninar, sussurrada pela mãe desde a infância. “*Esticarei os ponteiros, prolongando o nosso adeus*”.

Canções de ninar serviam para tranquilizar, não serviam? Mas por que, então, nunca funcionavam com ela?

Enquanto a inquietude a devorava por dentro, Áurea recebeu uma encarada fulminante de Lucila, esbelta e curvilínea dentro de seu corpete dourado. De pé na primeira fila do templo, a matriarca apertou a boca numa linha furiosa.

— Estou passando mal. — A jovem disse em lábios mudos. Lucila meneou a cabeça em desaprovação, e Helena, ao seu lado, deu um risinho. Com um

bufar, Áurea a desprezou. Sua irmã podia ser quase cinco anos mais nova, mas sempre foi especialista em irritá-la.

“*Possuída pelo Deus-Treva. É isto o que é!*”, Helena sempre dizia com seus lábios carnudos, avermelhados como morangos maduros.

Linda, plena e esnobe, a desgraçada.

— Calma, princesa. Você consegue — sussurrou Bivam, seu pai, de pé ao lado de Lucila, a barba branca unindo-se à coroa de calvície. Penduradas nos grossos braços do homem, as gêmeas Tâmis e Tínores sorriam, pequeninas na delicadeza de seus sete anos.

Áurea lacrimejou, desejando, por um segundo de loucura, ser uma de suas irmãzinhas pentelhas. Não era uma boa ideia ver a família sentada tão perto, ainda mais quando a doença da mente, crescente como ervas daninhas, parecia disposta a lhe atacar os nervos.

Invocando Ásaga, Áurea engoliu a bile e firmou as botas no piso de mármore. Palavras eram ditas por Mestre Kali, mas tudo girava. *Pela Luz, de novo não...* Algo quente emergiu das entranhas e inflamou sua pele sardenta. Dentro do vestido, ela suava.

— Calma, Ori... — pediu Joan em palavras silenciosas, mantendo a postura rígida de guerreiro inquebrável, ao lado do rei e da rainha de Teraluz.

Ori...

Joan e seu modo único de invocar boas memórias.

Fazia meses que não via seu irmão mais querido e maior confidente.

Impotentes, os olhos de Áurea arderam. Desde pequeno, ele a chamava assim; um apelido nascido da tentativa infantil de abreviar seu nome para “Auri”, e que nunca o abandonara. Nos lábios dele, “Ori” soava como um lembrete de que ainda era a mesma garotinha que corria pelos campos de Teraluz, livre do peso avassalador de se tornar uma simples noiva.

Ori...

Aquela era uma palavra doce demais para a aflição que a consumia.

Ciente de que as demais pessoas a encaravam, Áurea apertou a travessa nas mãos suadas e clamou por autocontrole.

— Que a Luz do Dragão as ilumine! — Mestre Kali finalizou o discurso, virando-se às Iniciadas para banhar os dedos na tinta das travessas que seguravam. Uma a uma, ele as consagrou. Com um “A” perfeito na testa, todas as garotas finalmente se tornaram Iniciadas da Igreja de Sal.

Todas, menos Áurea.

Vendo-o se aproximar, ela sussurrou, o suor escorrendo pelo rosto:

— N-não...

— O quê? — Mestre Kali testou, o dedo em riste em direção à testa molhada da menina. Notando o silêncio, tocou-a no rosto. Com um grunhido, Áurea se dobrou ao chão.

E vomitou.

— *Preciso de ar!* — sibilou, a garganta arranhada por onde a bile passara. Num estampido agudo, seu vaso de cerâmica caiu ao solo e se partiu em incontáveis fragmentos de vergonha, a tinta branca desmaiada no mármore, trágica como os rostos assombrados dos fiéis.

Empertigada, Lucila ergueu as mãos ao céu e pediu perdão à Ásaga numa reza alta e chorosa. Depois, invadiu o púlpito e apertou os braços da filha, a humilhação lhe tornando carrancuda.

— Levante-se *agora!* — A matriarca sussurrou o que deveria ser um grito.

Mestre Kali riu amarelo e aproveitou a tinta para terminar o “A” na testa de Áurea. Mas ninguém esperava pelo trêmulo tapa que afastou as mãos do clérigo, agora perplexo.

— Áurea! — Lucila a censurou.

Ofegante, ela correu à antessala escondida atrás da estátua de Ásaga, e tentou recuperar o controle das próprias emoções. Tudo queimava dentro de si — medo, culpa, vergonha e confusão nublavam seu entendimento pelo que acabara de fazer em solo sagrado.

Arfadas julgadoras dos presentes ecoaram como os saltos de suas botas, mas a garota não se importou. Tudo rodava, tudo queimava. Apoiando-se na mesa de madeira, Áurea tragou o ar; o coração acelerado, quase saindo pela garganta.

Preciso fugir.

— Você nos envergonhou! Sempre nos envergonha! — Lucila reclamou. Prostrada sobre a mesa, a jovem não teve forças para replicar. — Por que fez isso?

— Você s-sabe o porquê... — respondeu baixinho.

Doença da mente, esqueceu?

— Tem tomado os chás de Nora?

Áurea não disse nada. O silêncio enfiureceu Lucila, que grunhiu o ódio que a consumia, desabafando algo que a jovem sempre soubera desde pequena:

— Você sempre foi uma pestezinha nojenta! Não se cansa de manchar o nome da nossa família?

Com um gesto brusco, sua mãe a tomou pelo braço e a arrastou para fora do templo, pela porta dos fundos. O caminho era longo e a cada passo a tontura aumentava. Ainda assim, Áurea não ousou quebrar o ritmo, embora soubesse que a *sumítrea* havia enfim começado — algo que jamais lhe seria favorável.

Num empurrão, Lucila a jogou aos pés da grandiosa estátua de Ásaga, no lado externo do templo, dourada como o sol que agora fervia os paralelepípedos de Teraluz. Ruídos de coisas se partindo amortizaram o baque das costas da jovem contra a imagem, mas ela não reclamou. A *sumítrea* era assim. Era a data do ano incumbida de limpar os pecados do Império, e Áurea inteira se sentia imunda.

— Salve ao Deus-Luz! — Lucila gritou, uma das mãos estapeando a face da filha. — Salve ao Grande Dragão!

O gosto do sangue encheu as tripas de Áurea de um enjoo desconcertante. Ainda assim, obrigou-se a ficar calada. Ao contrário dos demais contrerrâneos, o ritual a assustava desde a infância — ainda que, naquele instante, lhe parecesse terrivelmente certo. Quase... *reconfortante*.

Falhara miseravelmente em servir a Deus-Luz e merecia ser punida.

Ao seu redor, tudo se tornou violência. Barulhos de objetos se partindo, gritos de ódio e o calor de fogueiras denunciavam que os súditos, antes felizes

e contemplativos, saíram do templo para iniciar a *sumítrea*. Outro tapa fez sua cabeça girar, e Áurea tossiu. Com uma reza, Lucila prosseguiu a expurgação de tantos pecados — a primogênita inútil; a ira; o desejo de morte que decerto sentiu ao vê-la falhar. Deus-Luz não era raiva, e Lucila precisava se livrar dela.

Áurea sabia disso.

Prostrada no solo, ousou abrir os olhos. Havia sangue espalhado aos pés da estátua, mas não vinha dela. Ao seu lado, um fiel se autoflagelava com uma corrente de aço, a roupa branca agora carmesim. Enquanto o rosto expressava puro prazer, as vestes denunciavam destruição.

Um paradoxo assustador, aquele.

Áurea chorava em todas as *sumítreas*, para a vergonha e penitência de sua mãe. Embora significasse a busca pelo perdão de Ásaga, para ela não passava de um dia no qual todos se rendiam à violência. Nos textos sagrados que fora forçada a estudar, aprendeu que a *sumítrea* invocava a luz de Ásaga quando a corrupção da humanidade tentava apagá-la — como Exilium, o extinto Deus-Treva, já fizera antes de ser subjugado pelo Dragão, mil e quinhentos anos antes.

Até que outro tapa no rosto a arrancou da contemplação dos dogmas imperiais. Era um pensamento esquisito de se ter enquanto recebia uma bela sova, mas era nas escrituras que Áurea refletia. No início de tudo, na reconstrução da Antiga Terra, no império unificado onde, agora, seu sangue vertia. Meditava, entre os golpes, na força de Ásaga ao dividir seu igual em dois. Esmagando-o em esquecimento e vergonha, como uma barata.

Até que a inconsciência a arrastou para a escuridão profana, e a dor da surra silenciou seu choro.